



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## ANÁLISE SOBRE A NOÇÃO DE CONFLITO PULSIONAL EM FREUD ANALYSIS ON THE NOTION OF CONFLICT OF INSTINCTS IN FREUD

Marcelo Prates<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar a noção de conflito psíquico na teoria das pulsões de Freud. Primeiramente, investiga as condições do conflito psíquico, sua dinâmica tópica, estrutural e econômica. Num segundo momento, se inquirir acerca do conflito entre pulsão de vida e de morte e se a dinâmica entre eles corresponde à do conflito entre pulsão sexual e pulsão do Eu. Por fim, conclui apontando que Freud pensa tal conflito com relação à resistência e a plasticidade da pulsão de vida, embora reconheça que se deveria repensar a noção de conflito a partir da noção de pulsão de morte, horizonte este que caberá a seus herdeiros investigarem.

**Palavras-chave:** Freud; conflito psíquico; pulsão; pulsão de morte.

**Abstract:** This article aims to analyze the notion of psychic conflict in Freud's theory of instincts. First, it investigates the conditions of psychic conflict, its topical, structural and economic dynamics. In a second moment, it inquires about the conflict between life and death instincts and whether the dynamic between them corresponds to the conflict between sexual instinct and ego instinct. Finally, it concludes by pointing that Freud thinks such conflict in relation to the resistance and plasticity of the life

---

1      Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná

instinct, although he recognizes that the notion of conflict should be rethought from the notion of death instinct, a horizon that will be up to his heirs to investigate.

**Keywords:** Freud; Psychic Conflict; Instincts; Death Instinct.

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar e analisar a noção de conflito na psicanálise de Freud. Nela, os sintomas e sofrimentos neuróticos são compreendidos a partir da noção de conflito, de modo que é ele que responde ao que se deve nosso sofrimento psíquico. Podemos dizer que não há psicanálise sem a noção de conflito psíquico e que a psicanálise é uma teoria sobre os conflitos psíquicos. No entanto, quando vamos aos textos de Freud nem sempre tal noção é clara em seu sentido, de modo que podemos dizer que o conflito psíquico pode ser expresso de diferentes maneiras. Nesse sentido, os conflitos neuróticos possuem uma condição diferente dos narcísicos e psicóticos. Sendo compreendidos a partir do conceito de pulsão, os conflitos psíquicos serão compreendidos como conflitos e dinâmicas pulsionais. Todavia, quando Freud apresenta a segunda tópica e com ela a ideia de pulsão de morte, então, a partir do novo dualismo pulsional, entre pulsão de vida e de morte, a noção de conflito ali correspondente não parece análoga à forma da dinâmica conflitiva anterior, entre as pulsões de autoconservação e as sexuais. Nosso texto procura investigar essa hipótese, de modo que se pensamos que o manejo clínico se dá frente as formas e condições do conflito, tal esclarecimento se faz imprescindível para a clínica e o que nela apreendemos como manifestação dos conflitos entre pulsão de vida e de morte. Por isso, nosso caminho deve ser investigado a partir da teoria das pulsões. Ademais, ao propor sua metapsicologia, Freud apontava ao conceito de pulsão como a *mitologia* da psicanálise (FREUD, 2010, p. 241). Sem ela não há como entender a dinâmica edípica e o inconsciente dinâmico, as duas grandes invenções da psicanálise e os dois troncos da clínica freudiana.

Ora, a psicanálise é compreendida como uma clínica dos conflitos psiconeuróticos, onde Édipo se apresenta como o núcleo das neuroses. No entanto, se Édipo manifesta, acima de tudo, um conflito, então é a própria noção de conflito que seria, por assim dizer, um pressuposto ontológico sem o qual não se daria a compreensão psicanalítica. Assim, mais que se apoiar no conflito edípico e dele tratar, é sobretudo na noção de conflito que a psicanálise se apoia. Escassas, porém, são as discussões que venham a problematizar a noção de conflito. Parece que uma crítica à psicanálise freudiana deveria passar antes que Édipo a uma crítica da noção de conflito, de modo que ela parece ser o coração de Édipo (o que seria de Édipo sem sua tragédia, isto é, sem seu conflito insolúvel?). Assim sendo, a noção de conflito aponta a algo mais elementar na teoria psicanalítica, as pulsões, de modo

que investigar o estatuto do conflito na teoria psicanalítica significa elaborar uma crítica das dinâmicas pulsionais.

Ora, sabemos que a grande invenção teórica da psicanálise não é Édipo, mas o inconsciente, melhor seria dizer, as formações do inconsciente, haja vista o inconsciente não ser abordado como um ser, como a coisa em-si. No entanto, se apreendemos o inconsciente a partir das suas formações, não é meramente por tomar seus efeitos, mas compreendendo a partir de sua dinâmica mais própria que é a pulsional. Assim, as pulsões seriam como que a gramática (DUNKER, 2017, p. 137) pela qual podemos compreender o inconsciente. Não por menos, diremos que as formações do inconsciente enquanto expressam dinâmicas conflitivas podem ser traduzidas como conflitos pulsionais. Em outras palavras, para Freud a raiz do conflito psíquico é “o conflito pulsional. É este que ele pretende encontrar na forma mais irredutível, expresso como um combate de dois princípios ou duas pulsões básicas.” (HANNS, 1999, p. 39). De fato, é como Freud o compreendeu, primeiramente a partir das formações de compromisso; depois, de maneira mais elaborada e já munido do conceito de pulsão, com o conflito entre as pulsões sexuais e as de autoconservação, as pulsões oriundas do *Isso* e as do *Eu* (nesse caso, na primeira teoria das pulsões, as do *Eu* eram vistas dessexualizadas, daí o que marcava a diferença qualitativa dessas instâncias e seu conflito); e, por fim, do conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Tal discussão se mostra importante não apenas por problemas de ordem da metapsicologia, mas também clínica, pois a condição de insolubilidade da dimensão conflitiva das pulsões coloca em questão o problema da cura: “é possível resolver de forma duradoura e definitiva, através da terapia analítica, um conflito entre a pulsão e o *Eu*, ou uma exigência pulsional patogênica em relação ao *Eu*?” (FREUD, 2019, p. 326). Se o conflito, ou melhor, se a condição conflitiva entre as pulsões é irresoluta, seria a *cura* apenas o desfazer parcial de certas pulsões? E se é insolúvel (nada impede novas formações conflitivas), seria então a análise um procedimento interminável?

Assim, o que propomos nesse trabalho é esboçar uma primeira investigação sobre a noção de conflito a partir da metapsicologia de Freud de modo a compreender em que sentido é possível uma crítica de tal noção a partir das pulsões e como é possível um conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. Queremos entender se há ou não uma diferença na noção de conflito ao pensar essa diferença entre o conflito das pulsões sexuais e do *Eu* e o conflito das pulsões de vida e de morte. Nesse sentido, é sobre a *natureza* do conflito que se dirige a nossa investigação. Para isso nos centramos sobretudo nos artigos de metapsicologia e aqueles a partir do conceito de pulsão de morte (*Além do princípio de prazer, O Eu e o Isso, O problema econômico do masoquismo, Mal-estar na civilização*), mas nosso norte é, sobretudo, um de seus últimos artigos *Análise finita e a infinita* de 1937.

Na estrutura de nosso texto, num primeiro momento tratamos na natureza econômica do conflito mostrando que sua condição de emergência se deve a fatores econômicos que propriamente dinâmicos. Num segundo, tratamos mais especificamente do conflito entre pulsão de vida e de morte e a hipótese de que a noção de conflito aqui expresse outra natureza, haja vista que não é mais a condição quantitativa que entra em cena, mas a *qualitativa*. Por fim, versamos sobre o futuro da clínica das pulsões a partir das últimas considerações de Freud acerca desse problema.

## A BASE ECONÔMICA DO CONFLITO

A descoberta do inconsciente é a descoberta do inconsciente dinâmico. Freud pensará inicialmente as condições sintomáticas como soluções de compromissos frente a conflitos entre moções do consciente e do inconsciente, de modo que o tratamento e a dissolução do sintoma, portanto, do conflito, se daria pela passagem do que era inconsciente ao consciente. Nesse sentido, trazer à consciência aquilo que era inconsciente seria a forma dessa dissolução porque ela possibilita a liberação da libido inconsciente retida pelo pré-consciente, instância de censura que impediria o escoamento e a satisfação que foram relegadas ao inconsciente. No desenrolar de sua teoria, já munido do conceito de Eu e de pulsão, Freud pensará as pulsões também como defesas pulsionais contra outras moções pulsionais (FREUD, 2017, p. 35), defesas do Eu contra as pulsões sexuais recalcadas ao *Isso*, denotando que o conflito se opera entre Eu e *Isso*, antes que entre *Ics* e *Pcs/Cs*. (FREUD, 2017, p. 31). Todavia, uma vez que pensou o aparelho psíquico como um aparelho de domínio sobre o *Isso*, mesmo os avanços e conquistas sobre o *Isso* que o Eu deveria alcançar seriam insuficientes para inserir na sua totalidade (o que seria impossível) o *Isso* sobre os domínios do Eu (lembrando que este é uma função do próprio *Isso*), denotando uma condição de fundo que expressa uma *disposição* ao conflito, dada a tendência ao prazer e o inevitável desprazer frente a necessidade de considerar o princípio de realidade. Em todo caso, sobre este aspecto, Freud pensa que a dissolução ao menos da tendência ao conflito é insolúvel por completo. No entanto, permanece como proposta uma forma de “ ‘domação’ [*Bändigung*] da pulsão: isso quer dizer que a pulsão foi acolhida completamente na harmonia do Eu e é acessível através das outras aspirações do Eu, não trilhando mais seus próprios caminhos em busca de satisfação” (FREUD, 2019, p. 326).

Nesse sentido, Freud aponta que, na economia pulsional, seria a força do Eu determinante para conseguir lidar com a força pulsional do *Isso*, dissolvendo, assim, o conflito neurótico sem que isso implicasse um constrangimento. Nesse caso, trata-se mais da abertura do Eu frente aos desejos do *Isso* que uma força maior de recalque sem que esse viesse a falhar (daí também que a tese do fortalecimento do Eu jamais é contrária a uma desconstrução do Eu, entendendo esta enquanto tornar o Eu mais flexível a desejos que antes lhe eram inconciliáveis). Assim, por

fortalecimento do Eu compreendemos a tolerância e acolhimento aos próprios desejos sem que tais impliquem um conflito com o Eu atual. Ora, ao nosso ver a questão do conflito pressuposta nesse modelo não é tanto de uma instância à outra – primeiro, consciente-inconsciente, depois, *Eu-Isso*, *Isso-realidade*, *Eu-Supereu* –, mas a condição própria da economia pulsional.

Nesse sentido, neste primeiro momento queremos apontar que o conflito pulsional embora expressado dinamicamente não é apenas resultado da condição dinâmica do Inconsciente, mas, como bem alerta Freud na continuidade do artigo de 1937, da sua condição econômica. Compreendemos que embora seja por conta da incompatibilidade de um desejo com relação a outro, portanto, de uma representação com outra representação, há uma condição econômica para que tal embate seja elevado à condição de conflito e que ocorra a falha no recalque e a intensificação do contrainvestimento por parte do Eu. O Eu pode não tolerar um desejo e operar um recalque, mas para que este emerga novamente é preciso uma condição intensiva, bem como quando a formação de compromisso acontece já é por uma condição econômica. Portanto, embora o recalque seja uma operação dinâmica, sua falha se daria por conta de condições econômicas da libido.

Embora a diferença tópica e estrutural implique nesta diferença uma oposição entre tais instâncias, seria apenas o fator quantitativo que tornaria tal condição conflitiva num sentido forte do termo. Eis que Freud venha a distinguir o que é normal ou patológico a partir dessas formações intensivas, mais que pela diferenciação estrutural ou tópica (FREUD, 2018, p. 535). Por isso, embora haja incompatibilidade entre os representantes pulsionais recalcados e do Eu, o recalque opera na sua condição própria de defesa, pois o representante não tem por si, isoladamente, força para irromper o recalque (do contrário o recalque nem teria sido possível), daí que jamais seja um representante *doente* por si, *sintomático* por si, de modo que “não se encontram causas específicas para o adoecimento neurótico, são relações quantitativas que decidem se o desfecho do conflito será a saúde ou uma neurótica inibição funcional. (FREUD, 2014, p. 258). A questão que ressaltamos não é que não haja conflitos entre as instâncias, mas que não são elas conflitivas por si, mas dependem de toda uma carga catexial:

Uma análise puramente qualitativa das condições etiológicas não nos basta. Ou, para dizê-lo de outra maneira, uma concepção meramente dinâmica desses processos psíquicos é insuficiente; o ponto de vista econômico é igualmente necessário. Temos de afirmar que o conflito entre duas tendências não irrompe antes que certas intensidades de investimento sejam alcançadas, ainda que as condições ligadas ao conteúdo estejam presentes há muito tempo. Da mesma forma, o significado patogênico dos fatores constitucionais depende do quanto mais de um instinto parcial que de outro se acha na predisposição herdada; pode-se inclusive imaginar que as predisposições de todas as pessoas sejam qualitativamente iguais, diferenciando-se

apenas por essas condições quantitativas. O fator quantitativo não é menos decisivo para a capacidade de resistência ao adoecimento neurótico. (FREUD, 2014c, p. 404, 405).

O que define a condição de força é o acúmulo de estímulos, forças (no caso da pulsão, sempre endógenos) que caracteriza o aspecto de *pressão* da pulsão, o qual Freud compreende como sendo a própria essência da pulsão (FREUD, 2017, p. 25), “elo entre a pulsão e a ação [...] porta de saída do somático e porta de entrada no psíquico” (HANNIS, 1999, p. 74). Mas não se trata mais de necessidade justamente porque a pulsão vai implicar sua pressão pela fonte endógena constituída a partir do aparato psíquico que é um aparato de representação. Como sempre nos alerta Garcia-Roza (1995), a pulsão não é um estímulo psíquico, mas um estímulo *para* o psíquico, de modo que para o aparelho psíquico não há estímulos externos, mas apenas os endógenos pulsionais. Daí também que jamais seja possível tomar a pulsão nela mesma, mas apenas os seus representantes psíquicos, o representante ideativo, a representação e o representante afetivo, o afeto. Eis como captamos o inconsciente por seus efeitos, a pulsão por seus representantes, de modo que Freud nos dirá que embora a essência da pulsão esteja na sua fonte e pressão, só a apreendemos por sua meta e objeto.

Será nos processos primários que encontraremos essa condição de catexização das intensidades a partir do prazer-órgão e das fontes da pulsão. Freud pensa tal condição sobretudo a partir da dinâmica de condensação e deslocamentos dos processos primários, onde na condensação “toda interligação psíquica se transforma numa *intensificação* de seu conteúdo de representações” (FREUD, 2018, p. 535), sendo a condição “para forçar a irrupção nos sistemas perceptivos” (FREUD, 2018, p. 536). No caso dos processos primários não importa se tais moções sejam contraditórias, haja vista que no sistema *Ics* moções contraditórias não se anulam, “mas subsistem lado a lado”. Assim, mesmo representantes distintos somam-se num bloco que visa a irromper na formação sintomática. Tais representantes “combinam-se frequentemente para formar condensações, como se não houvesse nenhuma contradição entre eles, ou chegam a formações de compromisso que nossos pensamentos conscientes nunca tolerariam, mas que muitas vezes são admitidos em nossas ações” (FREUD, 2018, p. 536). Estes processos tentam tornar móveis tais descargas, deixando para segundo plano o conteúdo das moções. E se no inconsciente “nada pode ser encerrado, nada é passado ou está esquecido” (FREUD, 2018, p. 521), a condensação passa a ser um processo inevitável na constituição psíquica quando ocorre demasiados recalques. Se há uma força do *Iso* é porque houve recalques excessivos.

Claro que apenas essa condição de soma catexial não basta para estabelecer o conflito, também não é a libido por si tal condição, uma vez que necessita da outra instância repressora. Mas o que queremos aferir é que sem ela não há

conflito patológico, pois sem uma intensidade maior as instâncias do Eu e do *Isso* permanecem sem maior tensão. O que queremos evidenciar é o fato de que não há representação sem investimento que envolva toda uma rede de representações. No caso do *Isso*, as representações lá podem coincidir uma vez que embora sejam distintas (variação de objeto), sua meta é a mesma. Tudo se passa como se o sintoma específico, ou seja, uma representação, fosse apenas a gota d'água de um copo que já está transbordando. Daí o caráter de sofrimento insuportável que as vezes uma representação isolada jamais expressaria por si. É como se por essa gota todo o restante pedisse passagem. Em outras palavras, *um* sintoma nunca é *um*, é sempre uma rede e uma cadeia que o envolve na vida psíquica. Eis porque para emergir do recalque é preciso uma catexia maior frente ao contrainvestimento inicial do Eu.

As intensidades das representações individuais tornam-se passíveis de descarga *em bloc* e passam de uma representação para outra, de modo que se formam certas representações dotadas de grande intensidade. E, uma vez que esse processo se repete em várias vezes, a intensidade de toda uma cadeia de pensamentos pode acabar por concentrar-se num único elemento de representação. Temos aí o fato da 'compressão' ou 'condensação', que se tornou conhecida no trabalho do sonho" (FREUD, 2018, p. 535).

Eis também porque a lembrança do recalque não impede a dissolução total de um conflito, uma vez que a dissolução do recalque deve possibilitar a descarga (*Abfuhr*) (HANNIS, 1999, p. 135). O que ocorre a partir do recalque é uma modificação de investimento, uma vez que "passa a existir no pré-consciente uma cadeia de pensamentos desprovida de catexia pré-consciente, mas que recebeu uma catexia do desejo inconsciente" (FREUD, 2010, p. 535). Se o recalque incide sobre o representante da pulsão, mas não atinge essa moção quantitativa que permanece inalterada e vem a se deslocar ou condensar com outros representantes, então o restante do afeto permanece pedindo passagem, cujo trabalho analítico é ainda a restituição dos representantes antes recalcados a estes afetos agora emergentes concomitantemente na implosão do sintoma. Por isso, o tonar consciente aqui ajuda e abre o início, mas se torna insuficiente apenas a restituição de um componente ideativo, frente a todo montante afetivo emergente.

Por estas vias, Freud pensava separar o que são os conflitos da vida, da sociedade, do dia a dia da vida do indivíduo, dos conflitos psiconeuróticos. Esse trabalho de realocar a representação e o afeto permite ao indivíduo decidir sobre o problema no terreno atual, de modo que para ele ainda se trata de um conflito seu (por exemplo, decidir se dever permanecer no emprego atual ou não), mas agora sem as reações sintomáticas que envolvem inconscientemente os conflitos atuais da vida do indivíduo e colocam nele uma sobrecarga que não lhe pertence. Eis a passagem do "conflito patogênico em um conflito normal, que [doravante] de

algum modo deve encontrar solução. (FREUD, 2014, p. 467). Por isso, não se trata de imaginar uma vida sem conflitos, mas de colocá-los em seu terreno e intensidades próprios, sem a sobrecarga das neuroses.

Assim, a natureza do conflito psíquico afere ao processo do recalque, de modo “onde não há repressão ou um processo psíquico análogo para ser desfeito, nossa terapia nada tem a oferecer” (FREUD, 2014, p. 467). Freud ainda pensará outras formas, como o conflito entre o *Isso* e a realidade, nas psicoses, e entre o *Eu* e o *SuperEu* nas neuroses narcísicas. Embora seus processos formativos sejam outros, o que prevalece é sempre a condição quantitativa como condição de emergência do sintoma e do sofrimento que o acompanha, lembrando que os ganhos primários implicam sempre na satisfação do ponto de vista econômico, de modo que o ganho secundário (sintomático) só é factível por sua condição primária que é econômica:

O motivo para adoecer é, afinal, a intenção de obter um ganho. O que afirmo nas frases seguintes desse parágrafo se aplica ao benefício secundário da doença. Mas em toda doença neurótica se pode reconhecer um benefício primário. O adoecimento poupa, a princípio, um esforço psíquico, revela-se a solução economicamente mais cômoda no caso de um conflito psíquico (a fuga para a doença), embora depois, na maioria dos casos, apareça inequivocamente a inadequação de tal saída. Essa parte do ganho primário da doença pode ser designada como a interior, psicológica; ela é constante, por assim dizer. (FREUD, 2016, p. 220)

Em todo caso, a questão não é tanto o tornar consciente, mas a associação da ideia ao afeto que agora permite seu escoamento real e a realização da meta pulsional. A pulsão não se torna consciente, mas apenas seu representante afetivo é *corrigido* a partir da associação correta com o representante ideativo recalcado. O recalque opera sobre o representante da pulsão, não a pulsão ela mesma. Eis pois que ela não deixe de ser e continue ainda operante. Portanto, o conflito pressupõe uma diferença de sistemas/estruturas, mas é o fator quantitativo que faz implodir o sintoma como resposta, o qual não dissolve o conflito, mas, ao contrário, o expressa como insuportável e ao mesmo tempo irresoluto.

Em todo caso, a psicanálise opera sobre tais conflitos, de modo que Freud venha a se perguntar em *Análise Finita e a infinita* sobre a *quantidade* de conflitos suportada numa transferência, se ela pode despertar e lidar com todos, e à quantidade de tempo necessário para tal empreendimento, vendo como saída para isso, isto é, a continuidade do tratamento e seu tempo, a condição de “fortalecimento do *Eu*” (FREUD, 2019, p. 321).

Uma vez que o conflito não é, então, entre consciente e inconsciente *per se*, como se a existência destas instâncias fosse por si conflitiva, ou entre *Isso* e *Eu*, reinos jamais em paz, seria possível entrever condições sobre o fim da análise. No entanto, as coisas se complicam quando se pensa o conflito pulsional não apenas como entre



pulsões sexuais e do Eu, mas entre pulsões de vida e pulsões de morte (FREUD, 2010, p. 224), pois apenas a questão da liberação da tensão a partir do trabalho sobre o representante recalçado já se mostra insuficiente, bem como também em como compreender a condição quantitativa por trás do conflito.

## O CONFLITO ENTRE AS PULSÕES DE VIDA E DE MORTE

A pulsão de morte é apresentada como hipótese por Freud no seu texto *Além do princípio de prazer* quando irá pensar fenômenos que justamente não se adequam ao princípio do prazer e até parecem ir contra ele. Ali Freud volta a apontar como o princípio de prazer “deriva do princípio da constância” (FREUD, 2010, p. 164), pressupondo uma tendência à estabilidade do sistema, isto é, que este permaneça sem tensões demasiadas, mas conservando um mínimo necessário para seu funcionamento. Eis o porquê venha a concluir com o caráter conservador do aparelho psíquico frente às pulsões. Todavia, neste texto Freud pensará em condições que não condizem com tal tendência, onde figura em cena a *compulsão à repetição*, trazendo em tela o que já havia postulado anteriormente em seu artigo *Recordar, repetir, elaborar*, quando o paciente era levado a repetir como ato o que não conseguia se lembrar. Embora venha a pensar tal compulsão à repetição como “experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfeitas; mesmo de impulsos desde então reprimidos” (FREUD, 2010, p. 179), não pensará apenas como sendo da ordem do recalçado, mas, antes, como uma condição “mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer, por ela posto de lado” (FREUD, 2010, p. 184).

Assim, ela não estaria de acordo com o princípio da constância, pois a repetição não aconteceria por condições de satisfação ou manutenção de uma quantidade mínima para o funcionamento. Ao contrário, ela pressupõe um *retorno* não a uma estabilidade tensional mínima, mas a um grau zero de tensão, como total cancelamento da tensão (HANNIS, 1999, p. 149). Se as pulsões sexuais visam a tentativa de repetição da satisfação primeira e seu estado não-excitado, as pulsões de morte levariam ao termo anterior do surgimento da vida. O que Freud extrai dessa condição de tensão zero, mas pensando ainda as pulsões sexuais e a compulsão a repetição, é como que a tendência geral da pulsão: “Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica” (FREUD, 2010, p.202). Assim, a condição maior da pulsão seria restaurar um estado anterior, de modo que se as pulsões sexuais implicam sua condição de estímulo e pressão, é justamente para dar cabo delas e retornar à condição de menor tensão. Mas, apontará Freud, “se querer restaurar um estado anterior é realmente uma característica universal dos instintos, não podemos nos admirar que na psique

tantos processos ocorram independentemente do princípio do prazer” (FREUD, 2010, p. 236).

Nessa toada, as pulsões sexuais e as do Eu passam a ser consideradas ambas como pulsões de vida, e se caracterizariam numa condição de expansão e fusão, de ligação maior para dar conta de estímulos externos. Como se a vida fosse esse intervalo de agitação no inorgânico, um *descuido da inação*, no dizer de Fernando Pessoa. Para dar conta de tais estímulos essas pulsões necessitariam se expandir, se aglutinar em favor de algo maior que possibilite a satisfação, o que implicaria uma amplitude da vida pela necessidade de buscar o prazer/satisfação sem, no entanto, se desfazer a um nível zero em seu conjunto justamente para evitar novo acúmulo de tensão, fomentando o solo a partir do qual o aparelho psíquico se constituirá.

A partir desse ponto, com as noções de pulsão de vida e de morte, a noção de conflito pulsional se amplia e Freud pensa então não mais o conflito pulsional tendo como forma a luta entre o Eu e o *Isso*, mas as pulsões de vida e a pulsão de morte, uma luta que agora se opera com a mesma tendência da pulsão de vida, a constância, mas que para as pulsões de morte se traduzirá em outra tendência, a do Nirvana. De modo que as pulsões sexuais,

por conservarem a via mesma por períodos mais longos [...] por agirem **contra** a intenção dos outros instintos – que, devido à sua **função**, conduz à morte –, insinua-se uma **oposição** entre eles e os demais, cuja importância foi logo reconhecida pela teoria das neuroses. É como um ritmo hesitante na vida dos organismos; um grupo de instintos precipita-se para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida o mais rapidamente possível; atingida uma determinada altura desse caminho, o outro corre para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada (FREUD, 2010, p. 207, 208, negritos nossos).

Podemos, pois, nos perguntar se essa condição de oposição basta para gerar um conflito ao nível que propusemos, uma vez que vimos que o mero antagonismo não gera por si um conflito, mas depende de uma condição quantitativa para que a relação entre elas emergja como um conflito. Pois se a pulsão reprimida “jamais deixa de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; (FREUD, 2010, p. 210), seria ainda difícil para Freud apontar essa maneira de *lutar* da pulsão de morte. Primeiro, por não haver como descrever a sua forma energética, não tendo um correspondente como a libido na pulsão sexual. Segundo, há a dificuldade de como definir e expressar seus representantes tal como na pulsão de vida, os representantes ideativos e afetivos. Por isso, assumirá que não há necessariamente uma oposição entre o princípio de prazer e esta condição sobre a qual ele ainda não tem domínio, de modo que neste artigo “continua não resolvido o problema de determinar a relação entre os processos instintuais de repetição e o domínio do princípio do prazer” (FREUD, 2010, p. 236).

É em *Mal-estar na civilização* que Freud assume uma autonomia da pulsão de morte, quando pensa uma pulsão de agressão *especial e autônoma* (FREUD, 2010, p. 83) e concebendo (Tal como em *O Eu e o Isso*) a musculatura como uma maneira com a qual as pulsões de vida tendem a lidar com a pulsão de morte ao desviá-las para o exterior na forma da agressividade. Aqui haveria um domínio da vida sobre a morte traduzida como agressão ao exterior, uma espécie de queda da pulsão de morte pela de vida, sem necessariamente se resolver o conflito e oposição de vez. É apenas um escoamento de um conflito que é constante e que se não se voltar para fora se voltará para dentro (FREUD, 2010, p. 86). Aqui se a pulsão de morte é expressa pela agressão, não o é por uma condição de energia própria, mas por estar conduzida pela própria libido, de modo que seria apreendida “apenas como resíduo por detrás de Eros, e que furta-se a nós, quando não é revelado pela fusão com Eros.” (FREUD, 2010, p. 89). Se por um lado elas não poderão ser separadas, por outro, paradoxalmente, é aqui que teríamos de maneira mais expressa essa luta entre pulsão de vida e de morte.

Portanto, em tudo o que segue me atendo ao ponto de vista de que o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, e retorno ao que afirmei antes, que a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo [...] Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos **ao lado de** Eros e que partilha com ele o domínio do mundo. Agora, acredito, o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a **luta entre Eros e morte**, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana. E é esse combate de gigantes que nossas babás querer amortecer com a “canção de ninar falando do céu!”. (FREUD, 2010b, p. 91, negritos nossos).

Se essa luta é expressa na cultura, Freud não vem a pensar de maneira mais trabalhada como seria esse conflito do ponto de vista interno, desta destruição dirigida para dentro, tal como elabora em *Luto e melancolia*, discussão que poderia ser agora retomada com a pulsão de morte. Nisso não chega a ser completo a descrição de um conflito psiconeurótico entre pulsão de vida e pulsão de morte. As dificuldades que transparecem nessa exposição são ainda as mesmas que apontamos e vão se seguir sempre nos textos que venham a pensar a pulsão de morte, acerca dos representantes das pulsões. Mas agora fica mais expresso, e que seria até uma maneira de responder ao problema acima, uma *mistura* sempre presente entre pulsão de vida e de morte, jamais havendo uma distinção total entre elas, de modo que a pulsão de morte parece realizar “seu trabalho secretamente. O princípio do prazer parece mesmo **estar a serviço** dos instintos de morte” (FREUD, 2010c, p. 238, negritos nossos).

O que figura como irrevogável é o fato de elas jamais se darem de maneira *pura*, autônoma uma com relação a outra, de modo que não só não há representante psíquico, ideativo e afetivo para a pulsão de morte, como esta jamais se apresenta separada da pulsão de vida, o que nos leva a postular que os representantes venham a ser o mesmo. Isso Freud aponta em todos os textos que vem a tratar da pulsão de morte posteriormente a *Além do princípio de prazer*. No próprio *Mal-estar*: “podemos suspeitar que as duas espécies de [pulsões] raramente – talvez nunca – surgem isoladas uma da outra, mas se fundem em proporções diferentes e muito variadas, tornando-se irreconhecíveis para o nosso julgamento” (FREUD, 2010b, p. 86), sendo o sadismo e o masoquismo formas de expressão dessa condição mesclada das pulsões.

Em *O Eu e o Isso* e em *O problema econômico do masoquismo* já apontava que a agressividade (que poderia então ser a expressão da pulsão de morte em sua autonomia, como pensará em *Mal-estar na civilização*) seria uma maneira de neutralizar a pulsão de morte e desvia-la para o mundo externo por meio da musculatura (FREUD, 2011, p. 51), e mantém a ideia de mistura entre as pulsões, de modo que “em cada fragmento de substância viva estariam ativa as duas, mas em **mistura desigual**, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros” (FREUD, 2011, p. 51, negritos nossos). Assim, poderíamos conceber graus (hipotéticos, na forma expressa sobretudo das patologias) dessa mistura, mas jamais conceber tais pulsões separadas totalmente:

No âmbito de ideias da psicanálise, podemos supor apenas que ocorre entre as duas espécies de instintos uma **extensa mescla e amálgama, variável em suas proporções, de maneira que não devemos contar com puros instintos de morte e de vida, mas apenas com misturas deles em graus diversos**. À agregação dos instintos corresponde, sob determinadas influências, uma desagregação dos mesmos (FREUD, 2011, p. 192, negritos nossos).

A fusão e defusão entre pulsão de vida e de morte explicaria essa tendência ao estado primeiro e à compulsão a repetição presente, no fundo, em toda moção pulsional. Daí que venha a pensar as pulsões sexuais como “mais plásticos, desviáveis e deslocáveis do que os instintos de destruição” (FREUD, 2011, p. 56). Embora se trabalhe ainda com os deslocamentos de intensidades, Freud não é claro ao que tal fusão entre elas deve proporcionar. O que transparece no texto sobre o *problema econômico do masoquismo* é que não se trata então apenas de prazer e desprazer, aumento e diminuição da quantidade de tensão, portanto, uma questão quantitativa, embora não a dispense, mas a qual não é suficiente para dar expressão a tal condição. Eis porque venha a propor que tal característica só pode ser designada como “qualitativa”: “Estariamos bem mais adiantados na psicologia, se soubéssemos indicar qual é esse **traço qualitativo**. Talvez seja o ritmo, o transcurso

temporal das mudanças, elevações e quedas da quantidade de estímulos; não o sabemos” (FREUD, 2011, p. 187, **negrito nossos**).

Em todo caso, se torna mais difícil pensar como se daria o conflito pulsional uma vez amalgamada tais pulsões, de modo que jamais possam ser concebidas separadas, haja vista que, embora apelemos aos fatores quantitativos como desencadeantes dos sintomas e falha no recalque, Freud jamais deixou de pensar que o conflito implica instâncias diferentes, sistema *Ics e Pcs/Cs*, ou estrutural entre *Isso* e Eu, Eu e Super-Eu, *Isso*-realidade. Pode soar estranho que “**ao lado** de Eros, um instinto de morte. Os fenômenos da vida se esclareciam pela atuação conjunta **ou** antagônica dos dois” (FREUD, 2010b, p. 86). Se é ao lado, ação conjunta, como pode em algum momento se tornar antagônico, conflitivo? Teria de haver, assim, um momento ao qual, de lado a lado, passassem à condição antagônica. Parece certo não ser uma questão tópica e dinâmica, pois não há instância específica (*Ics, Pcs, Cs; Eu, Isso, Supereu*), como lugar da pulsão de morte. Também não há uma economia própria pelo fato de não haver correspondente como a libido, ficando difícil dizer onde ocorre uma moção pulsional e as razões da intensificação dela. Será em outra condição que Freud recorrerá para explicitar tal teor, pois, uma vez que não se apela mais ao fator quantitativo, mas, agora, ao qualitativo, Freud apontará tal expressão segundo a própria constituição do aparelho psíquico em seu desenvolvimento (ontogenético e filogenético), bem como nas fixações e regressões do desenvolvimento.

Um dos últimos textos de Freud, *Análise finita e a infinita* parece trazer alguns esclarecimentos acerca disso. Ao pensar se haveria um término para a análise ele ressalta na condição do aparelho psíquico “a importância suprema do fator quantitativo” (FREUD, 2019, p. 338), bem como se seria possível eliminar definitivamente um conflito pulsional para todo o sempre (FREUD, 2019, p. 324), se seria possível “vacinar uma pessoa contra todas as outras possibilidades de conflito enquanto tratamos desse conflito pulsional específico” (FREUD, 2019, p. 324). Frente a tal problema Freud passa a pensar os fatores determinantes para a teoria psicanalítica: “influência de traumas – força pulsional constitucional – alteração do Eu” (FREUD, 2019, p.325), apontando naquele momento o interesse pela *força pulsional*. Ao destacar tal condição o que ainda entra em tela é o problema da fusão/defusão das pulsões de vida e morte. A diferença é que talvez seja mais visível para Freud, também como ele se sinta mais seguro para isso neste momento, como tal configuração implica uma mudança na compreensão da dinâmica do conflito e dos caminhos da pesquisa psicanalítica:

A tarefa mais gratificante da pesquisa psicológica seria esclarecer como as porções dos dois tipos de pulsão se juntam para executar cada uma das funções vitais, sob que condições essas junções se afrouxam ou se desfazem, quais distúrbios correspondem

a essas transformações e com que sensações a escala de percepção do princípio de prazer responde a elas (FREUD, 2019, p. 249, **negritos nossos**).

Pensando a teoria de Empédocles e vendo que ele já havia proposto algo análogo, com a diferença que postulou isso ao nível cósmico, Freud propõem pensar a vida psíquica em termos de “mesclagem e defusão de componentes pulsionais” (FREUD, 2019, p. 353). Se há ainda a ênfase ao fator quantitativo, à força pulsional, como fator desencadeante do conflito, isso não implica mais apenas um aumento de intensidade, mas uma condição qualitativa a partir da fusão e defusão. Freud pensa tal qualidade em termos dos distúrbios, tal como em outro momento falou das regressões no campo do desenvolvimento psíquico as quais estariam fundamentadas nas disjunções das duas pulsões (FREUD, 2011, p. 52), uma vez que o desenvolvimento é pensado como acréscimo de componentes eróticos. Mas também os pensa com condição da vida não patológica, de modo que “apenas a junção de forças e o embate das duas pulsões primevas, Eros e pulsão de morte, explica o colorido das ocorrências de uma vida, nunca só uma delas”. (FREUD, 2019, p. 349).

Retomando o que já propusemos, mas agora com o acréscimo acima abordado, podemos aferir que o conflito entre pulsão de vida e de morte se dá também nas instâncias do conflito entre Eu e Isso, entre pulsões sexuais e do Eu, de modo que influi nelas uma *qualidade* para além da condição econômica, tópica e estrutural. Frente a isso, Freud aponta: “o comportamento das duas pulsões primevas, sua distribuição, mistura e defusão, coisas que não podem ser concebidas como pertinentes a uma única província do aparelho psíquico, limitadas ao Isso, ao Eu e ao Super-Eu” (FREUD, 2019, p. 348). Tal qualidade seria manifesta sobretudo no caráter de resistência ao tratamento, de morosidade e regressão da libido, enfim, aquilo que impede a vida de se expandir para além do conflito. Ora, é da natureza do conflito e do trauma a paralização de expansão da vida, mas agora o que estaria em jogo seria, justamente, os limites e tempo dessa resolução, suas regressões possíveis e retorno ao conflito interno da pulsão de vida. Assim sendo, não seria um conflito vivido e sentido ao termo de uma instância a outra frente à elevação da intensidade pulsional. É neste sentido que caminham lado a lado, mas entram em conflito quando a pulsão de morte paralisa a pulsão de vida e a impede mesmo frente ao reconhecimento do recalco e a restituição do representante afetivo ao ideativo, em outras palavras, quando parece que o trabalho analítico já realizou sua tarefa e, todavia, algo a mais impede o sujeito de sair de tal estado. Portanto, se por um lado teríamos adoecimentos sintomáticos pelo conflito da pulsão de vida, deveríamos ver uma ação da pulsão de morte na dificuldade maior que o esperado em desfazer tais conflitos, uma fixação e enrijecimento da libido até o esgotamento da sua capacidade de plasticidade (FREUD, 2019, p. 347), uma dificuldade maior

de deslocamento. Embora enfatize a questão da resistência, da força pulsional e da fluidez da libido, Freud atenta para a necessidade de, a partir disso, reconsiderar o problema do conflito psíquico:

Se reconhecemos o caso aqui abordado como expressão da pulsão de destruição ou agressão, logo se instaurará a pergunta se deveríamos estender a mesma concepção a outros exemplos de conflito, **ou mesmo se deveríamos rechaçar todo o nosso conhecimento sobre o conflito psíquico a partir dessa nova perspectiva** (FREUD, 2019, p. 351, negritos nossos).

Se, como apontado, a noção de conflito implica o ponto nevrálgico do tratamento psicanalítico, a transformação dessa noção implica também um novo horizonte para a pesquisa e clínica psicanalítica. Não se trata mais de manter um dualismo contra um monismo das pulsões, a fim de salvaguardar a condição de conflito, pois não basta um dualismo para dizer que é possível uma oposição e um conflito entre eles. É preciso todo um conjunto de determinações entre as pulsões para definir o tipo e a forma de conflito que ali se opera. Aqui a noção de conflito não é um substrato ontológico, mas nasce apenas no interior do movimento ali posto, na relação a partir da forma dos componentes. O conflito entre pulsão de vida e de morte figura a paralização da libido, pela qualidade de morosidade e impedimento, de regressão e repetição, de modo que só aqui encontraríamos o fator problemático para o indivíduo na sua dinâmica pulsional. E se Freud estende a psicologia individual para à social, também encontraríamos aqui uma das possíveis raízes da economia do ódio, da agressividade social, da morosidade e paralisação, dos movimentos regressivos que a cultura padece em seu transcorrer.

## CONCLUSÃO

Fazemos, aqui, eco à tese Luiz Hanns, o qual pensa que não é simples resolver a dimensão do conflito com a redução a uma e única lógica de conflitos: “o arco pulsional não é jamais deixado de lado, mas, pelo contrário, é inserido no novo arsenal de recursos combinatórios que enlaçam diferentes registros e dão uma grande plasticidade e amplitude para operar com os destinos pulsionais e capturar as filigranas da arquitetura e dinâmica de cada caso clínico singular” (HANNNS, 1999, p. 160). Assim, não seria uma lógica a substituir outra, uma forma de conflito a substituir outra, mas sim pensar que há dimensões distintas na noção de conflito na psicanálise de Freud. É preciso reconhecer a complexidade da noção e a operação e integração de lógicas conflituais mais complexas. Portanto, na dinâmica de um conflito entre *Isso* e *Eu* seriam considerados na leitura das pulsões o deslocamento/condensação, fixação/liberação, regressão/desenvolvimento, também a de fusão/defusão, de modo que

estes quatro conjuntos permitem que se transplante e mesclen na psique com grande flexibilidade materiais que parecem incompatíveis, pois habitam cada um patamares próprios, ondem vigem tempos, formas e leis particulares. Isso significa que a esfera do processo secundário, primário, do somático, da biologia das espécies e da natureza em geral, se interpenetram e embaralham no processo psíquico (HANNIS, 1999, p. 158).

Portanto, a natureza do conflito entre pulsão de vida e de morte possui uma potência de revisão e ampliação da natureza do conflito psíquico. Teríamos, com ela, um outro elemento de fator qualitativo do conflito para além do quantitativo (que demarcava uma tensão insuportável, figurada na dor, no sofrimento, no sintoma). Ademais, Freud nos deixou como tarefa pensar a noção de conflito a partir da investigação sobre a pulsão de morte, isto é, o que inclui pensar suas manifestações primeiras dentro do quadro do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo, bem como as formas patológicas próprias, como seria o caso de repensar sobretudo a paranoia, a melancolia e o masoquismo, também a sobreposição da pulsão de morte nos demais conflitos, e que apareceriam sobretudo na condição de resistência, morosidade e regressão dos conflitos da pulsão de vida. Por fim, seria necessário repensar também a própria dinâmica da transferência, cerne do tratamento psicanalítico, cujo resultado veremos sobretudo com a ideia de transferência negativa pensada pelos herdeiros da psicanálise freudiana. No que se refere a condição clínica do tratamento psicanalítico, neste se amplia ainda mais a percepção de que a simples lembrança do recalcado não é condição suficiente de *cura*. As resistências são mais variadas e se ampliam para além das do Eu, para além das pulsões de conservação. A pulsão de morte figura como conflito e resistência a qual, no entanto, só é apreendida na condição qualitativa com que se expressa a intensidade dos conflitos e da resistência, exigindo maior trabalho, tempo e manejo na clínica.

Ademais, se torna também um paradigma imprescindível para pensar os quadros que apontam às condições pré-edípicas. É sobre este horizonte que se dará algumas das vias de ampliação da psicanálise e da técnica psicanalítica depois de Freud. Como vimos, ele atesta a necessidade de repensar a dimensão do conflito em psicanálise, tarefa que coube aos seus herdeiros responder a elas. É o que encontraremos, sobretudo, em Melanie Klein com a qualificação do objeto bom e mau e a primazia da pulsão de morte na vida psíquica primária. Em todo caso, a partir das hipóteses sobre a pulsão de morte, figura com maior força na psicanálise a ideia de uma tendência ao conflito para além dos percalços infantis do desenvolvimento psicosssexual a partir da possibilidade da defusão das pulsões. Não por menos, será com esse horizonte teórico que a clínica psicanalítica contemporânea terá de se haver ao pensar os quadros, por exemplo, das depressões e das adições, entre outros.



## BIBLIOGRAFIA:

DUNKER, C. L. **Uma gramática para a clínica psicanalítica.** In. FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos.** Tradução de Pedro H. Tavares. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** Tradução de Walderedo Ismael de oliveira. 20. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos.** Tradução de Pedro H. Tavares. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados.** Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017b.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil : (o homem dos lobos): além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920).** Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos.** Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. **Obras completas vol 1: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16 : O Eu e o Id. "autobiografia" e outros textos.** Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011a.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise.** São Paulo: Companhia das letras, 2014. (versão eletrônica).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos.** São Paulo: Cia. das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia (1914-1917), narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (Introdução à metapsicologia freudiana 3).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

GREEN, André; e outros. **A pulsão de morte**. São Paulo: Editora escuta, 1988.

HANNS, Luiz Alberto. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.